

Processos Cavilosos, Sentença Vingativa e Abjura Humilhante: O Caso Galileu

Fraudulent Proceedings, Vengeful Court Sentence and Humiliating Retract: Galileo Case

Amílcar Baiardi¹
Alex Vieira dos Santos²
Wellington Gil Rodrigues³

Resumo: O presente trabalho pretende destacar aspectos históricos dos julgamentos de Galileu, no campo da sociologia da ciência, refletindo o ambiente de intriga e intolerância religiosa então vigente. Embora o tema *affaire* Galileu já tenha merecido abordagens de inúmeros autores em todo o mundo, inclusive no Brasil, com a vasta obra de Pablo Rubén Mariconda, o mesmo não se encontra esgotado. Focar-se-ão aspectos relativos à relação entre a produção científica e os condicionamentos sociais e políticos da época, quando o Estado se confundia com a Igreja Católica e as elites sociais eram por ela influenciadas. O artigo traz ainda cópia de um parágrafo inicial escrito por Galileu no qual fala de sua dificuldade em referenciar geograficamente o “inferno” descrito por Dante Alighieri e traduções para o português da sentença e da abjuração de Galileu, realizadas com base em cópia dos originais escritos no século XVII.

Palavras chave: Galileu; julgamentos; intolerância religiosa; sentença e abjuração.

Abstract: *This paper aims to highlight historical aspects of Galileo trials, in the field of sociology of science, reflecting the atmosphere of intrigue and religious intolerance then current. Although the theme Galileo affair has already earned numerous approaches authors around the world, including Brazil, with the vast work of Pablo Rubén Mariconda, it is not exhausted. Will merit focus some aspects concerning relationships between scientific production and social and political constraints when the state was merged with the Catholic Church and social elites were influenced by it. The article also brings copy of an opening paragraph written by Galileo in which he reports difficulties to show geographical references on the “hell” as described by Dante Alighieri and translated into*

¹ Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História da Ciência, – UFBA/UEFS e professor da pós-graduação da UCSAL. Contato: amilcarbairdi@uol.com.br

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA/UEFS. Contato: alexvieiradosantos@uol.com.br

³ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História da Ciência UFBA/UEFS. Contato: wellgil2000@hotmail.com

Portuguese Galileo's sentence and abjuration implemented on the basis of the original copy written in the seventeenth century.

Key words: *Galileo; trials; religious intolerance; sentence and abjuration*

Introdução

Poucos conflitos entre a ciência e a religião adquiriram tal notoriedade como o dos processos contra Galileu. O denominado *affaire* Galileu foi também impregnado de intolerância e argumento de autoridade. Só muito tempo depois a Igreja Católica deixou de considerar como dogma as estimativas de teólogos do século XVII que dataram a Gênese em 4004 a.C. Também tardiamente esta instituição acatou a recomendação do próprio Galileu Galilei de separar os dogmas de fé das questões científicas.

Galileu, que além de extraordinário homem de ciência e filósofo⁴, foi, segundo palavras do Papa Wojtyła (João Paulo II), um católico fervoroso e convicto, recomendou, quando do início do seu primeiro processo em 1616, a separação das evidências empíricas das interpretações das sagradas escrituras. Na ocasião afirmou que se é verdade que a Bíblia não pode errar, o mesmo não se pode dizer de seus intérpretes. Com esta observação, Galileu chamou a atenção para a necessidade de proceder a separação entre o mundo da ciência e o mundo da fé, sob pena dos pesquisadores ficarem tolhidos da possibilidade de realizar investigações sobre temas mencionados de algum modo pelo Velho e pelo Novo Testamento.⁵ Esta posição conciliadora de Galileu, se então aceita, teria, segundo Feldhay (1995), evitado os processos. Blackwell (1999), de outro lado, comenta que a perseguição seguida de condenação, poderiam ser evitadas se os preceitos de Agostinho, datados do século V, os de não se interpretar literalmente as sagradas escrituras, fossem seguidos.

A história dos processos e da condenação de Galileu pelo Tribunal do Santo Ofício ilustra como a separação defendida por Galileu não se dava. O reconhecimento da importância científica das teses de Galileu pela Igreja Católica, somente se deu no 350º aniversário da sua morte, em 31 de outubro de 1992. Isto aconteceu no bojo de uma decisão do Papa João Paulo II, definindo as condições de diálogo entre a fé e o mundo contemporâneo e encaminhando os preparativos para o Jubileu de 2000, que foi antecedido de um grande ato de penitência da parte da Igreja Católica, com pedidos de perdão por sua omissão no caso do holocausto e da repressão política na América Latina.

As razões da Igreja Católica nos processos de Galileu, fundamentavam-se

⁴ Uma avaliação da obra científica e filosófica de Galileu pode ser encontrada em Mariconda (1999).

⁵ *Lettere copernicane* (1995).

na visão cosmológica aristotélica, com mediação da construção ontológica de Tomás de Aquino. Esta construção consistia em um complexo desenvolvimento de argumentos com chave explicativa para todas as coisas e fenômenos e exibia a presunção de que se havia chegado a um termo ideal, a uma convergência entre a busca do saber e o entendimento da ordem natural estabelecida por Deus. Esta visão oficial da Igreja Católica, se opunha a todas as novas descobertas científicas que contrariassem a ordem universal nela sugerida.

Diante destas restrições no mundo católico, os filósofos da natureza comprometidos com o avanço do conhecimento, tiveram que, paradoxalmente, retomar Aristóteles, naquilo que ele diferia da filosofia clássica grega. Aproveitando-se do ambiente cultural criado pelo Renascimento, esses filósofos propunham a premissa de que a produção do conhecimento deveria ir além da visão genuína de Aristóteles, em sua discordância da filosofia clássica grega, enfatizando os papéis da observação, seguida da experiência e da teorização. O grande marco desta ruptura foi a chamada Revolução Copernicana, no âmbito da Astronomia, cujo espírito se propagou para outros campos do conhecimento. A Revolução Copernicana restaurou um estado de ânimo em relação a novas descobertas, que só tinha sido antes observado na Escola de Alexandria, mil e oitocentos anos antes (Baiardi, 1996).

No início, cautelosa em relação a estas descobertas, até porque muitos religiosos estavam envolvidos em pesquisas, a Igreja Católica passa à condição de ferrenha opositora da ampliação do horizonte do conhecimento no momento em que este alargamento aportava argumentos para proposição de visões cosmológicas, que se chocavam com a literalidade das 'Sagradas Escrituras'. A intolerância da Igreja Católica se acentua depois do Concílio de Trento - iniciado em 13 de dezembro de 1545 no papado de Paulo III e finalizado em 3 de dezembro de 1563 no papado de Pio IV - o qual marca o surgimento do *Index Librorum Prohibitorum* ("Índice dos Livros Proibidos") e a reorganização da Inquisição e do Tribunal do Santo Ofício, instituído para operacionalizá-la. A Inquisição romana era uma congregação de cardeais dotada de poderes de exceção com intuito de banir as chamadas heresias que estariam enraizadas na comunidade cristã. Essa congregação apresentava-se como uma organização do governo papal, o qual controlava os tribunais da inquisição eclesiástica, e foi instituída em 21 de julho de 1542 pela bula *Licet ab initio* do papa Paulo III, com semelhanças com as inquisições da França, Portugal e Espanha, os mais importantes Estados - nações, católicos, na época (Mauri, 1992 e Santini, 1994).

A primeira vítima famosa da Inquisição por motivo de visão de mundo foi Francesco Pucci, uma personalidade inquieta que propôs uma igreja universal e que alternou filiações religiosas. Paradoxalmente, quando fez uma opção pelo

catolicismo, foi preso em Salzburg, na Áustria, por ordem da Inquisição, enviado a Roma e sumariamente condenado, decapitado e queimado em 1597. A Pucci se seguiu Giordano Bruno, ex-religioso que abandonou a sua ordem por motivos de convicção, que questionava a finidade do universo e relacionava o conceito de Deus com o do próprio universo. Em decorrência de suas crenças, foi preso em Veneza em 1593 e depois de sete anos de processo, foi queimado vivo em 1600, por haver se recusado a renegar sua obra, cuja parte mais interessante foi escrita entre 1583-85, quando vivia na Inglaterra. Francesco Pucci e Giordano Bruno quando encarcerados tiveram a companhia de Tomaso Campanella, perseguido como eles por motivos semelhantes, mas que escapou da morte. Campanella também foi contemporâneo de ambiente carcerário de Galileu e a este escreveu duas famosas cartas em 5 e 21 de agosto de 1632, elogiando seus trabalhos e propondo que as teses de Galileu fossem amplamente discutidas pela Igreja, insistindo que a autoridade eclesiástica não poderia ir contra as evidências das pesquisas (Campanella, 2007).

Durante o Renascimento, em que pese a ameaça inquisitorial, a experiência na ciência adquire consistência, assumindo estatuto de um método submetido à prova. O novo método de busca do conhecimento sugerido pelos pesquisadores que mais se notabilizaram a partir do Renascimento, entre os quais Kepler e Galileu, supunham que as conclusões das pesquisas apresentassem relações quantitativas, numericamente determinadas, deixando de lado as tradicionais interrogações sobre a essência das coisas (Baiardi, 1996; Maury, 1992; Geymonat, 1969 e Allègre, 1999).

Galileu e o Início do Debate Teológico – Cosmológico e das Perseguições

Apesar do ambiente cultural favorável à busca de novos conhecimentos que o Renascimento propiciou, havia dois fatores que impediam um linear avanço da ciência nos Estados cuja influência católica era muito grande: de um lado a Reforma Luterana que ameaçava a hegemonia católica e, de outro, a vaidade dos teólogos da Igreja Católica, que não aceitavam a ideia de não ser deles a melhor interpretação das ‘Sagradas Escrituras’.

É neste cenário que começam as vicissitudes de Galilleu. Com o nome de batismo de *Galileo Galilei*, Galileu nasceu em Pisa em 1564 e em 1583 já se notabilizava pelas experiências sobre gravidade, movimento pendular, trajetória de projéteis etc., que realizava naquela cidade, onde, em 1589, assumiu a cátedra de matemática na Universidade de Pisa. Em 1592, transfere-se para a Universidade de Pádua, também para ensinar matemática. Foi lá que Galileu, pela primeira vez, em 1597, manifestou-se publicamente a favor das teses coperni-

canas. Antes, porém, em 1587, Galileu já havia escrito algo que desagradou a Igreja Católica, pelo estilo neutro e um tanto pedante com o qual descreveu as condições físicas e a localização do “Inferno de Dante”, a pedido da Academia Florentina. Neste cuidadoso trabalho matemático Galileu deixa entender que na ausência de evidência da existência do inferno, vale qualquer ideia, qualquer especulação, segundo Leblond, (2007). Do manuscrito arquivado no Museu Galileu, em Florença, com frontispício apresentado em anexo, se copiou um parágrafo inicial no qual Galileu fala de sua dificuldade em referenciar geograficamente o “inferno”, dando a entender que as referências ao mesmo, sejam de Dante ou da Bíblia, não oferecem qualquer rigor:

Se è stata cosa difficile e mirabile l'aver potuto gli uomini per lunghe osservazioni, con vigilie continue, per perigliose navigazioni, misurare e determinare gl'intervalli de i cieli, i moti veloci ed i tardi e le loro proporzioni, le grandezze delle stelle, non meno delle vicine che delle lontane ancora, i siti della terra e de i mari, cose che, o in tutto o nella maggior parte, sotto il senso ci cagiono; quanto più meravigliosa deviamo noi stimare l'investigazione e descrizione del sito e figura dell' Inferno, il quale, sepolto nelle viscere della terra, nascoso a tutti i sensi, è da nessuno per niuna esperienza conosciuto; dove, se bene è facile il discendere, è però tanto difficile l'uscirne, come bene c'insegna il nostro Poeta in quel detto: Uscite di speranza, voi ch' entrate e la sua guida in quell' altro: È facile il discendere all'Inferno; Ma 'l piè ritrarne, e fuor dell'aura mortali poter ritornare all'aura pura, Questo, quest'è impresa alta, impresa dura ché dal mancamento dell'altrui relazione viene sommamente accresciuta la difficoltà della sua descrizione (Lezioni di Galileo Galilei intorno la figura, sito e grandezza dell'Inferno di Dante Alighieri, 1588-1590 p.1.)

Entretanto, foi no ano de 1606 que suas posições começam a repercutir, após duas conferências que fez em Pádua sobre a descoberta da estrela *Nova Serpentarii*, as quais reforçavam as teses de Copérnico, no que tange ao heliocentrismo. Por meio de melhoramentos que introduziu na luneta astronômica, Galileu fortaleceu sua crença no heliocentrismo, o que ficou evidente com a publicação em 1610 do seu livro *Sidereus Nuncius* (O Mensageiro das Estrelas).

Nesse momento se inicia o chamado período polêmico, no qual Galileu aceita debater com quem se opusesse à tese copernicana. O período polêmico que, segundo Pablo Mariconda (2000), perdura por 22 anos, se estende até a publicação do *Dialogo Sopra i due Massimi Sistemi del Mondo Tolemaico e Copernicano* (Diálogo Sobre os dois Maiores Sistemas do Mundo Ptolomaico e Copernicano) em 1632. Segundo o autor:

... inicia-se [o período polêmico] em 1610 com o *Sidereus Nuncius*, primeira obra publicada por Galileu, na qual ele anuncia o famoso conjunto de observações astronômicas feitas com o uso de um “óculos especial” aperfeiçoado a partir de notícias e relatos de alguns exemplares do instrumento. Esse pequeno texto de caráter em grande medida panfletário, pois que, nele, os protocolos de observação são apresentados com um fim claro de divulgação e de propaganda, veiculava, como bem o sabia seu autor, notícias capazes de subverter a visão cosmológica estabelecida desde a Antiguidade, consolidada culturalmente pela teologia cristã e pelo ensino universitário oficial. (Mariconda, 2000, p.81).

Com a publicação do *Sidereus Nuncius* se evidencia o reconhecimento da primazia de Galileu em observações via telescópio e, de acordo com o mesmo autor: “...pela primeira vez, [a] evidência observacional em favor da plausibilidade do sistema copernicano e de um universo bastante mais vasto do que supunha a visão cosmológica tradicional.” (Mariconda, 2000, p.81). O período polêmico pode ser dividido em duas etapas. A primeira durou de 1610 a 1616, com intensidade particular entre 1613 e 1616, com os debates teológico-cosmológicos cujos conteúdos aparecem claramente na carta de Galileu a Castelli, a qual foi objeto de muita exploração, justamente por defender que as Sagradas Escrituras não poderiam ter uma interpretação literal (Pagani e Luciani, 1994). Ainda nesta etapa é publicado em 1612 o *Discorso Intorno alle Cose que Stanno in su l’Acqua o che in Quella si Muovono* (Discurso em Torno às Coisas que Estão sobre a Água ou que Nela se Movem), que é o marco do fim das investigações mecânicas de Galileu, dominantes no período anterior – dito paduano que vais de 1592 a 1610 (Mariconda, 2000, p.79).

A segunda se estende de 1616 a 1632. Em ambas a posição de Galileu foi sempre a de defender um conhecimento científico independente de quaisquer influências externas.

O impacto do *Sidereus Nuncius* de Galileu foi surpreendente. No ano seguinte, já em Roma, quando tomou posse como membro efetivo da *Accademia dei Lincei* a convite do príncipe Cesi, Galileu foi recebido festivamente no Vaticano pelo Papa Paulo V e por uma série de cardeais, entre estes Maffeo Barberini, que viria ser Papa com o nome de Urbano VIII e que assumiria, posteriormente, outra atitude em relação a Galileu. O então pontífice Paulo V foi extremamente gentil com Galileu, não permitindo que o mesmo proferisse uma só palavra de reverência, ajoelhado. Ainda em 1611 a Igreja Católica, através de seus expoentes, não só não tomou nenhuma posição oficial contra Galileu como, ao contrário, manifestou-se por meio do Colégio Romano e por Consulta do Cardeal Roberto Bellarmino (1542-1621), inquisidor de Florença, favoravelmente às descobertas apresentadas

no *Sidereus Nuncius*. A esta manifestação oficial, seguiu-se a do cardeal Conti, informando que a Cúria assumiria, diante de Galileu, a posição de julgar sua obra, inclusive a defesa do sistema copernicano, sem nenhum preconceito.

Não obstante o que foi afirmado oficialmente, a partir de 1612 toma corpo no seio da Igreja Católica sentimentos de hostilidade em relação às teses de Copérnico. Sobre estas mudanças o próprio Galileu vinha sendo advertido, por meio de amigos que ocupavam posições de destaque na hierarquia dessa instituição religiosa. A situação começa rapidamente a se radicalizar porque os jesuítas, muito influentes então, tinham a presunção da última palavra sobre interpretações das escrituras. Como exemplo tem-se o caso do padre jesuíta Christopher Scheiner, que, em cartas endereçadas a Marco Welser, no final de 1611, reclama o primado na observação das manchas solares. Em três correspondências o mesmo ainda propõe uma adequação do fenômeno ao paradigma aceito pela igreja católica, afirmando que as sombras são pequenos corpos que giram em torno do sol e se assemelham aos planetas (Mariconda, 2000, p.83).

Neste contexto estão também as cartas de Scheiner respondidas por Galileu, escritas entre maio e dezembro de 1612, endereçadas também a Marco Welser e publicadas em forma de livro em 1613, com o título *Istoria e Dimostrazione Intorno alle Macchie Solari* (História e Demonstração em Torno das Manchas Solares). Galileu segue a contento a tradição renascentista, onde os opositores elegem um outro indivíduo para ter o papel de divulgação e de intermediar o debate entre as partes. A situação de confronto se estabelece, quando seu livro, dentre outras informações, traz elementos que comprovam evidências e de forma irrefutável propõe que os corpos celestes sejam passíveis de transformações, assim “... o princípio cosmológico aristotélico da incorruptibilidade, imutabilidade e inalterabilidade do mundo celeste está irremediavelmente refutado”. (Mariconda, 2000, p.84).

O debate entre Galileu e Scheiner, permanece tendo como foco o movimento de rotação do sol em seu próprio eixo. Scheiner, desfrutando das facilidades de sua posição, publica posteriormente, em 1631, o livro a “*Rosa Ursina*”, assumindo como modelo o sistema de Tycho Brahe, uma explicação mais complicada que a proposta por Galileu, porém mais convincente em relação à centralidade da terra. As rusgas entre Galileu e os jesuítas não se resumem aos debates com Scheiner, mas incluem também o confronto com um de seus maiores opositores, o padre jesuíta Orazio Grassi, vide Mariconda (2000, p.85). Neste momento as divergências tomam outro rumo com a denúncia formal de Galileu ao Tribunal do Santo Ofício. Ela se deu com base em carta dirigida pelo padre Lorini ao Cardeal Paolo Sfondrati em 1615, denunciando a circulação entre religiosos das teses de Galileu, carta esta que se tornou peça central de um processo inquisitorial que só se concluiria 17 anos mais tarde. Na peça de denúncia consta:

(...) vendo não só que esse escrito corre pelas mãos de todos, sem que nenhum o remeta aos superiores, e que querem expor as Sagradas Escrituras a seu modo e contra a exposição comum dos Santos Padres (...), sentindo que se fala com pouca reverência dos Santos Padres antigos e de Santo Tomás, e que se pisa em toda a filosofia de Aristóteles (da qual tanto se serve a teologia escolástica), e em suma que, para mostrar-se engenhoso, dizem-se mil impertinências (Pagani e Luciani, 1994, p.36).

A correspondência se fazia acompanhar de 'provas materiais' de heresia, que eram cópias de cartas de Galileu a amigos, confidenciando suas convicções e chamando a atenção para o risco que a Igreja Católica corria ao recusar aceitar o heliocentrismo. Em uma destas ditas provas estava aquilo que mais produziu ira nos teólogos católicos. Era um trecho da referida carta de Galileu ao seu amigo padre Castelli, um ano antes da denúncia de Lorini, a qual continha os mesmos argumentos utilizados na *Lettere copernicane* (1995), com a seguinte afirmação:

(...) que a Escritura não possa errar, podem no entanto enganar-se os seus intérpretes e expositores de várias maneiras. Uma delas, por exemplo gravíssima e frequentíssima seria quando quer insistir sempre no puro sentido literal, pois desse modo acabariam aparecendo não só diversas contradições, mas, inclusive, graves heresias e até blasfêmias. (Pagani e Luciani, 1994, p.38-39).

O ano de 1615, então, é aquele no qual começam a se acumular denúncias e depoimentos formais contra Galileu, a exemplo das do padre Tomaso Caccini, que continha detalhes envolvendo os discípulos de Galileu bem como um vigário de descendência nobre chamado Gianozzo Attavanti. Mais de uma vintena de cartas foram trocadas por denunciantes e inquiridores do Santo Ofício. Curiosamente, ao lado deste posicionamento majoritário de religiosos contra as teses copernicanas e contra quem as defendesse, no seio da própria Igreja havia vozes favoráveis a Galileu como a do vigário Attavanti e do padre Michelangelo Buonarroti (Pagani e Luciani, 1994).

Segundo Hellman (1999), Galileu no seu argumento propunha a existência de duas formas de linguagem: a linguagem comum utilizada pelos homens em seus afazeres na vida e na escrita de versículos bíblicos e a linguagem matemática utilizada para escrever o livro da natureza. Essa distinção de linguagens se estende ao debate das disciplinas ético-religiosas e as naturais, sendo as últimas, para Galileu, superiores às primeiras quando tratassem de explicar a natureza:

(...) sendo a natureza inexorável e imutável e não importando que suas recônditas razões estejam ou não expostas à capacidade dos homens, motivo pelo qual ela jamais transgrida os termos das leis que lhe são impostas;

parece que aquela parte dos efeitos naturais, que ou a experiência sensível nos põe diante dos olhos ou as demonstrações necessárias concluem, não deve de modo algum ser colocada em dúvida por passagens da Escritura que possuísem nas palavras aspecto diferente, pois nem todo dito da Escritura está ligado a obrigações tão severas como cada efeito da natureza. (Nascimento, apud Mariconda, 2000, p.99).

Galileu tinha consciência da má fé com que se conduzia a reunião de provas contra ele, como relata sua filha, madre Maria Celeste. Galileu em carta a sua filha, falava da malícia de seus perseguidores (Sobel, 2000).

O Jogo das acusações: 1ª Parte

Em que pese o prestígio de Galileu junto a alguns religiosos e a proteção governamental que recebia do Grão Ducado da Toscana - a Família Medici havia trazido Galileu de volta para a Toscana, contratando-o como 'Primário' de matemática da Universidade de Pisa e filósofo do Grão Duca, com assento na *Accademia del Cimento* – a denúncia formal ao Santo Ofício feita pelos padres Lorini e Caccini, teve repercussão. A partir da denúncia de Lorini, o Santo Ofício instruiu o primeiro processo contra Galileu, o qual ficaria conhecido como o de 1616. No curso do mesmo foram recolhidos depoimentos referidos que defendiam Galileu, como o de Gianozzo Attavanti, e depoimentos que o acusavam, como aqueles dos padres Caccini e Ximenes. Uma vez instruído, o processo serviu para uma consulta feita aos teólogos do Santo Ofício, os quais, em número de onze, manifestaram-se unanimemente contra Galileu, o que se explicava porque Galileu tinha criticado a mais importante instituição cultural da igreja na Contra-Reforma, o Colégio Romano da Companhia de Jesus (Redondi, 1991). Intervenções favoráveis, vieram do carmelitano Antonio Foscarini, provincial da ordem para a Calábria, e de Tommaso Campanella, já referido como contemporâneo de Galileu no cárcere, um religioso e pensador futurista que escreveu *La Città del Sole* (A Cidade do Sol), um livro que pressagiava uma sociedade racional, laica e livre.

Tudo caminhava em direção a uma condenação de Galileu e o Cardeal Roberto Bellarmino, Inquisidor de Florença, ainda tentou uma saída que a evitasse, a qual consistiria numa solução de compromisso. Nela, Galileu tornaria público que suas conclusões no campo da astronomia eram meras hipóteses. A recusa de Galileu foi imediata, argumentando que o Tribunal do Santo Ofício não havia consultado nenhum astrônomo e que colocar suas conclusões no plano das hipóteses seria voltar à velha física aristotélica. O Grão Duca de Toscana, Cosimo II dei Medici, preocupado com a repercussão que teria a condenação de Galileu, tentou intervir, pedindo ao Cardeal Orsini, embaixador do Grão Ducado no Va-

ticano, que intercedesse junto a Paulo V e ao Santo Ofício. Paulo V recusou-se a intervir a favor de Galileu, dizendo que tudo estava nas mãos dos cardeais daquele colegiado e, neste mesmo dia, sob a sua presidência, é ratificado o parecer dos teólogos. O Tribunal do Santo Ofício ordenou que Galileu fosse chamado à presença do Cardeal Bellarmino, que se encontrava em Roma, para ser advertido de que deveria abandonar a defesa do heliocentrismo e que, em caso de recusa, deveria ser intimado, por preceito, a ser obrigatoriamente cumprido. Este ato deveria ocorrer em presença de testemunhas e de tabelião.

Tudo indica que o encontro do Cardeal Bellarmino com Galileu em 26 de fevereiro de 1616 foi menos formal do que deveria ser e teve também um desfecho menos rigoroso do que pretendia o Tribunal do Santo Ofício. Na ocasião Galileu prometeu, vagamente, não insistir nem na defesa nem no ensinamento do heliocentrismo, escapando assim do rito do preceito. Demais, diante dos boatos que se espalhavam, sugerindo uma sua retratação, Galileu ainda conseguiu uma declaração do próprio punho do Cardeal Bellarmino, a qual dizia que o filósofo não teria sido penitenciado, e nem teria abjurado. Apenas teria sido notificado de que as teses de Copérnico seriam contrárias às Sagradas Escrituras e que, por este motivo, não deveriam ser difundidas nem defendidas. O fato de ter ido conversar com Bellarmino e ouvir sua suposta admoestação, servira para deixar Galileu sob os olhares do Santo Ofício, embora o decreto da Sagrada Congregação do Índice, que reforçava a decisão sobre os preceitos contra as teses de Copérnico, não apresentasse referência explícita ao nome de Galileu. Entretanto, a ameaça da retomada inquisitorial pairava sobre quaisquer escritos e a correspondência de Galileu no período e o *Istorie e Dimostrazioni sulle Macchie Solari*, (História e Demonstrações sobre Manchas Solares) de 1615, se inseria no cenário dos escritos passíveis de condenação, proibição e suspensão (Maury, 1992 e Santini, 1994).

Além da declaração de Belarmino, Galileu levou para Florença cartas dos cardeais Orsini e Del Monte, endereçadas a Cosimo II dei Medici, cujos teores eram elogiosos ao comportamento do filósofo durante o período em que esteve em Roma, para responder ao processo. Galileu não saiu moralmente derrotado desta primeira batalha contra o obscurantismo. Escapara da humilhação e pensava que tivesse ganhado tempo para continuar suas pesquisas e conceber uma forma de melhor defendê-las, sem atrair a ira da Igreja Católica. Ledo engano. Galileu não podia imaginar o que viria depois (Hellman, 1999). Entre o primeiro e o segundo processo, Galileu ironizava sua condição de silenciado, dizendo em carta ao arquiduque austríaco Leopoldo que lhe pedira um exemplar do seu trabalho no qual estaria a teoria das marés “... que cumpre a nós obedecer às decisões das autoridades e nelas acreditar, já que são guiadas por uma visão mais elevada do que meu humilde espírito pode alcançar” (Sobel, 2000, p.88).

O Jogo das acusações: 2ª Parte

Nos anos que se seguiram, Galileu se impôs certo silêncio e, sem que ele se desse conta, muitos de seus inimigos ascenderam na hierarquia eclesiástica. Em 1618 ocorre uma aparição de cometas no céu da Europa, reabrindo o debate sobre o heliocentrismo. Nesta primeira ocasião Galileu não se manifestou diretamente, mas se tornou público que teria sido co-autor anônimo do livro de seu discípulo Mario Guiducci, *Discorso sulle Comete* (Discurso sobre os Cometas), o qual acirrava a polêmica de Galileu com o padre jesuíta Orazio Grassi, defensor das ideias de Tycho Brahe. Neste momento, em busca de uma explicação mais racional, os jesuítas abandonaram o sistema ptolomaico, aderindo ao geocêntrico de Brahe. Orazio Grassi, melhor conhecido como Sarsi, era grande opositor às ideias de Galileu, e ingressara na Companhia de Jesus em 1600 aos 18 anos e ao completar 20 já tinha grande influência na ordem. Também atuara como arquiteto e sua grande obra foi a Igreja de Santo Inácio.

Às diversas réplicas dos teólogos à obra de Guiducci e Galileu, que versara sobre os cometas, Galileu apresenta como tréplica um trabalho, publicado em 1623, considerado o ‘manifesto da nova ciência’, *Il Saggiatore* (O Pesquisador), com o qual, mais uma vez, desqualificava seus críticos, fazendo-o, entretanto, de uma forma elevada e consistente, como a resposta ao padre Grassi em 1619, *Libra Astronomica ac Philosophica*. Fato curioso ocorreu no ato do lançamento do livro, *Il Saggiatore*. A primeira cópia foi comprada, justamente, por Grassi, na Livraria do Sol. Tal foi a repercussão do *Saggiatore* que o mesmo mereceu uma edição homenageando o Papa Urbano VIII⁶, que não era outra pessoa que o Cardeal Maffeo Barberini - tido como amigo de Galileu e que o recebera em Roma em 1613 – e que recentemente fora eleito para substituir Gregório XV, cujo papado, em substituição a Paulo V, foi extremamente breve. Em 1624, Urbano VIII, após ter lido o *Saggiatore*, recebe Galileu, homenageia-o, mas desconversou quando lhe pediram que, durante a visita, revogasse a censura imposta a Galileu pelo primeiro processo, o de 1616. A ‘espada de Dâmocles’, permanecia sobre a cabeça do filósofo (Redondi, 1991).

Acreditando que os tempos tinham mudado, e que a revogação da censura era um aspecto meramente formal, Galileu começa a se empenhar na elaboração de um texto que, a seu juízo, seria definitivo no refutar a posição intransigente e anticientífica dos teólogos, abrindo caminho para que a Igreja Católica revisse sua posição em relação aos dogmas de fé, desvinculando sua interpretação das contribuições aduzidas pela pesquisa científica.

⁶ Esta não foi a primeira homenagem à Urbano VIII, tentando aplacar sua ira com os posicionamentos de Galileu. Accademia dei Lincei também publicou um tratado de apicultura como mesmo propósito (Baiardi, 1996)

Ao mesmo tempo em que se dedicava aos manuscritos do que viria a ser *Dialogo sui Massimi Sistemi*, (Diálogo sobre os Sistemas Máximos) seus inimigos tratavam de estabelecer uma rede de intrigas e desinformações, envolvendo até o Papa Urbano VIII. A falta de transparência muito própria de um ambiente contaminado pelo medo e pela inveja, fazia com que, de um lado, Galileu estivesse convencido de que conseguiria, sem nenhum condicionamento, a autorização, o *Imprimatur* (“que seja publicado”), para o *Diálogo* e, de outro, que membros do Santo Ofício já cogitassem de um segundo processo contra ele, baseado no *Saggiatore*. A notícia que o livro fora denunciado ao Santo Ofício chega ao conhecimento de Galileu através de carta enviada por Guiducci, seu informante em Roma, em 18 de abril de 1625. Contudo, oficialmente se sabia que o livro jamais sofrera alguma perseguição institucionalizada.

Outro fato curioso foi que ao comprar o *Saggiatore*, o padre Grassi havia mencionado ao livreiro, simpático aos informantes de Galileu, seu intento de dar uma resposta relâmpago, baseada na teologia doutrinal, ao então esperado *Saggiatore*. Estabelece-se então uma rede de intrigas no âmbito do Colégio Romano, da qual fazia parte Grassi, com opiniões favoráveis e contrárias a Galileu.

A correlação de forças na referida rede se torna desfavorável a Galileu quando Guiducci foi acometido de uma enfermidade, ficando impossibilitado de exercer a defesa do filósofo em foros ou informalmente. Aproveitando-se desta situação, Grassi visita Guiducci em seu leito, acompanhado de outros jesuítas, onde importantes informações sobre Galileu são coletadas. Sobre esse episódio Guiducci relata que:

(...) fui visitado pelo padre Grassi com muita cortesia e afabilidade, como se nós nos tivéssemos conhecido há longo tempo. Não se entrou nas coisas passadas, mas uma grande parte de nossa conversação foi consagrada a louvar os escritos de V. S.^a [Galileu] e a introdução a tal discurso foi esta: que, falando-se de muitas obras de filosofia e de outras matérias que são impressas e das oposições que fazem às vezes os revisores das ditas obras, o padre Grassi, seja porque sua consciência o importunasse, seja porque lhe pareceu que eu falasse por causa dele, veio a dizer que alguns dias atrás tinha revisto e apreciado essa bela obra do Arcebispo de Split [Marco Antonio de Dominis] sobre o fluxo e o refluxo, e, se bem que não houvesse ali nada que fosse provado com uma razão válida, ele não havia podido deixar de aprová-la, como fez. E, ele e eu elogiando de comum acordo o texto em questão, acrescentou: “Mas nós temos o texto do sr. Galileu sobre o mesmo assunto, que é muito engenhoso” (Redondi, 1991).

A esperada resposta de Grassi, é publicada na França no final de 1626, sob o pseudônimo de Lotário Sarsi. Era uma obra que viera com intuito de discutir ponto a ponto o *Saggiatore*, um livro de caráter pessoal e filosófico cujo título

era, *Ratio Ponderum Librae et Simbellae*. Grassi então apresentara sua obra com objetivos claros de evidenciar a natureza herética do livro de Galileu, evocando diversas controvérsias dogmáticas. Galileu ao analisar o livro não deu a devida importância, uma vez que era uma obra de cunho clandestino, pois fora publicada na França sem o aval do Colégio Romano e valendo-se do fato de que o autor gozava de suposta “impunidade” nos meios católicos.

Assim, fundamentando-se primeiro, em sua interpretação da conversa que tivera com Urbano VIII anos atrás, e, segundo, nas boas relações com as autoridades eclesiásticas de Florença, Galileu conclui o manuscrito em 1631 e entrega os originais ao tipógrafo Landini, que finaliza a impressão da obra em fevereiro de 1632 (Maury, 1992 e Santini, 1994).

O Círculo se Fecha: O Diálogo Sobre os dois Máximos Sistemas do Mundo e o Processo de 1633.

Galileu enfrentou dificuldades para conseguir o *imprimatur* para o *Dialogo sui Massimi Sistemi*. A principal delas refere-se ao título que, uma vez exposto à censura, sofrera alterações. O título proposto por Galileu era o mesmo título do texto que havia dado ao manuscrito distribuído após o processo de 1616, *Discorso del Flusso e Riflusso Del Mare* (Discurso do Fluxo e Refluxo do Mar). Ao tomar conhecimento do conteúdo, Nicolau Ricardi, Mestre do Sacro Ofício, adverte por meio de carta ao frei Clemente, inquisidor de Florença, a possibilidade de o texto versar sobre prováveis debates relacionados ao copernicismo. Por este motivo, o título sugerido para o *imprimatur* pelo Sacro Ofício passou a ser, então, *Dialogo sui Massimi Sistemi del Mondo Tolemaico e Copernicano*, (Diálogo sobre os dois Máximos Sistemas do Mundo Ptolomaico e Copernicano). Não se sabe ao certo sob que condições Galileu o aceitou.

Uma vez recebido e lido no Vaticano, o *Dialogo*, com a anuência de Urbano VIII, vai se constituir na peça chave do segundo processo, que ficou conhecido como o de 1633. Este processo tramitou com uma velocidade impressionante para a época, pois, em 23 de setembro de 1632, Galileu recebia uma convocação para se apresentar a Roma, para se submeter a interrogatórios. A demora, motivada por razões de saúde, com que Galileu atendeu a intimação do Santo Ofício, ele só aparecera em Roma em 15 de janeiro de 1633, só trouxe irritação para os inquisidores, o que tornou o rito do processo extremamente sumário, vide cartas a respeito em Paganí e Luciani (1994). As acusações eram pesadíssimas e diziam que Galileu não havia acatado o preceito que lhe fora imposto em 1616, de não defender o heliocentrismo, e que havia obtido o *Imprimatur* para o *Dialogo* de modo fraudulento, não dando conhecimento ao padre Ricardi, autor da concessão, de que existia um preceito que vetava a si defender ou ensinar, por qualquer modo que seja a doutrina de Copérnico.

Para Blackwell (1999) o segundo processo era completamente diferente do primeiro, por ser personalizado, impregnado de subjetividade e baseado no princípio da autoridade. No limite Blackwell conjectura que o segundo processo poderia não ter acontecido se Bellarmino tivesse sido mais claro com Galileu, com relação às restrições a ele impostas pelo primeiro processo.

Importante salientar que a obra sofrera diversas intervenções, dentre essas estão o prefácio e o argumento final que não foram escritos pelo Galileu e a questão do título, citado anteriormente, que não traduz o conteúdo completo da obra, uma vez que a mesma não se reduz à astronomia. Outro fato a salientar é a questão do sistema de Brahe, que não fora incorporado no título, uma vez que o sistema ptolomaico já tinha sido abandonado pelos jesuítas. O Diálogo:

(...) é uma obra cujo plano é simples. Com efeito, ela está composta por quatro partes, quatro jornadas, que tratam respectivamente da destruição do cosmo aristotélico, das objeções mecânicas ao movimento de rotação da Terra, das objeções astronômicas ao movimento de translação da Terra e da teoria das marés. Entretanto, por trás dessa estrutura simples, esconde-se uma elaboração complexa, porque, como já apontamos, o Diálogo resulta da composição de diversos materiais refundidos em maior ou menor grau e reescritos, na grande maioria dos casos, na forma dialógica. (Mariconda, 2000, p.138).

Galileu foi advertido de que devido ao estado de ânimo dos inquisidores, desta vez, para evitar o pior, conviria que se conduzisse com humildade e paciência. Assim ele se conduziu, mas a intolerância e o ensandecimento dos inquisidores não foram aplacados. Hellman (1999) comenta que em decorrência de intrigas quem mais se encontrava irado com Galileu era o próprio Papa Urbano VIII. Para o Papa, Galileu o lograra e traíra, e mais, o ridicularizara ao colocar nas palavras de Simplício, um dos personagens do Diálogo e certamente o intelectualmente mais limitado, os principais argumentos manifestados por Urbano VIII em conversa com o próprio Galileu (Odifreddi, 2009).

Galileu foi humilhado, ameaçado duas vezes de ser torturado e terminou por ceder, representando, teatralmente, o papel que o Santo Ofício lhe propôs. Os textos da Sentença e da Abjuração, o primeiro em linguagem cavilosa, presunçosa e intolerante, são apresentados a seguir em tradução não literal para o português para facilitar a compreensão do leitor e realizada pelos autores com base em Maury (1992, p.144-148) e Santini (1994, p.122-126) e nas cópias originais da Università di Torino on line⁷. Os textos são demasiadamente ilustrativos do que foram os processos.

⁷ <http://www.minerva.unito.it/Storia/GalileoTesti/>

A SENTENÇA

Roma, 22 de junho de 1633

Nos, Gasparo Borgia, Felice Centini di Ascoli, Guido Bentivoglio, Desiderio Scaglia, Antonio Barberini, Laudivio Zacchia, Berlingere Gessi, Fabrizio Verospi, Francesco Barberini e Marzio Ginetti, pela misericórdia de Deus, da Sta. Igreja Romana cardeais, em toda a República Cristã inquisidores gerais da Sta. Sé Apostólica com missão especial contra a herética maldade, em sendo que tu, Galileu, filho de Vincenzo Galilei, florentino, com idade de setenta anos, fostes denunciado em 1615 neste Santo Ofício por admitir como verdadeira a falsa doutrina, por alguns ensinada, que o Sol seja o centro do mundo e imóvel, e que a Terra se mova também de movimento diurno; que tivestes discípulos aos quais ensinava a mesma doutrina; que entorno da mesma mantivestes correspondência com alguns matemáticos da Alemanha; que tivestes publicado cartas intituladas ‘Das Manchas Solares’, nas quais explicavas a mesma doutrina como verdadeira; que às objeções que eventualmente te fizeram, retiradas das Sagradas Escrituras, respondestes interpretando a dita Escritura conforme o teu senso; e sucessivamente te foi apresentada cópia de um texto, sob a forma de carta, que se dizia ter sido escrito por te e por um tal já teu discípulo, e nessa, seguindo a posição de Copérnico contém várias proposições contra o verdadeiro significado e autoridade da Sagrada Escritura.

Desejando por isso este Sacro Tribunal enfrentar à desordem e ao dano que provinha e andava crescendo com prejuízo da Sta. Fé, de ordem de N. Senhor e dos Eminentíssimos e Reverendíssimos Senhores Cardeais desta Suprema e Universal Inquisição, foram por Competentes Teólogos qualificadas as duas proposições da estabilidade do Sol e do movimento da Terra, isto é:

Que o Sol seja o centro do mundo e imóvel de mobilidade local, é proposição absurda e falsa em filosofia, e formalmente herética, por ser expressamente contrária à Sagrada Escritura;

Que a Terra não seja o centro do mundo nem imóvel, mas que se movimente também de movimento diurno, é igualmente proposição absurda e falsa na filosofia, e considerada em teologia ad minus erronea in Fide.

Mas desejando-se então processar-te com benignidade, foi decretado na Sacra Congregação havida diante de N. Senhor a 25 de fevereiro de 1616, que o Eminentíssimo S. Cardeal Bellarmino te ordenasse que devesstes inteiramente deixar a dita opinião falsa, e recusando-te a fazê-lo, que do Comissário do Santo Ofício te devesse ser preceituado de abandonar a dita doutrina, e que não pudesses ensiná-la a outros nem defendê-la nem tratá-la, ao qual preceito não aquietando-te, deverias ser encarcerado; e na execução do mesmo decreto, o dia seguinte, em palácio e na presença do referido Eminentíssimo S. Cardeal Bellarmino, depois de ser do mesmo S. Cardeal benignamente avisado e advertido, tu fostes pelo Comissário do Santo Ofício daquele tempo preceituado, com tabelião e testemunha, que de todos os modos deveria deixar a dita falsa opinião, e que no futuro tu não a pudesstes adotar nem defender nem ensinar em qualquer que fosse o modo, nem

em voz nem em escrito: e tendo tu prometido obedecer, fostes liberado.

E afim de que se tolhesse de fato tão pernicioso doutrina, e não andasse mais além insinuando-se em grave prejuízo da Católica verdade, divulga-se decreto da Sagrada Congregação do Índice, com o qual foram proibidos os livros que tratam de tal doutrina e esta declarada falsa e completamente contrária à Sagrada e Divina Escritura.

E em tendo ultimamente aparecido aqui um livro impresso em Florença no ano próximo passado, cuja inscrição mostrava que eras o autor, dizendo o título 'Diálogo de Galileu Galilei dos dois Máximos Sistemas do Mundo, Ptolemaico e Copernicano', e informada junto à Sagrada Congregação que com a impressão do dito livro cada dia tomava pé e se disseminava a falsa opinião do movimento da Terra e da estabilidade do Sol, foi o dito livro diligentemente considerado, e no mesmo encontrada expressamente a transgressão do referido preceito que te foi imposto, havendo tu no mesmo livro defendido a mesma opinião já danada e na tua presença assim declarada, ocorra que tu no dito livro com vários arazoados te empenhes de persuadir e que tu a deixes como indecisa e proxivamente provável, o que mesmo é erro gravíssimo, não podendo em nenhum modo ser provável uma opinião declarada e definida por ser contrária à Escritura divina.

Que por isto de ordem nossa fostes chamado a este Santo Ofício, no qual com o teu juramento, examinado, reconhecestes o livro como obra tua e assim levado à impressão. Confessastes que, dez ou doze anos aproximadamente, depois de teres sido preceituado como acima referido, começastes a escrever o dito livro; que pedistes a faculdade de imprimi-lo, sem entretanto significar àqueles que te deram símile faculdade, que tu tivesses sido preceituado de não adotar, defender nem ensinar em qual seja modo tal doutrina. Confessastes igualmente que a escritura do dito livro é em muitos trechos alongada em tal forma, que o leitor poderia convencer-se pelo modo em que fossem pronunciados os argumentos aduzidos pela parte falsa, que sobretudo pela sua eficácia fossem os mesmos capazes de se aproximarem com facilidade e liberdade; desculpando-te de ser incurso em erro tanto pertencente a outros, como dissestes, da tua intenção, por haver escrito em diálogo, e pela natural satisfação que cada um tem das próprias sutilezas e em mostrar-se mais arguto entre os homens comuns no encontrar, também pelas proposições falsas, engenhosos e prováveis discursos de probabilidade.

E sendo dado tempo suficiente a fazer a tua defesa, obtivestes uma autêntica declaração escrita da mão do Eminentíssimo S. Cardeal Bellarmino, de te desejada, como dissestes, para defender-te das calúnias dos teus inimigos, os quais te atribuíam abjura e penitenciamento da parte do Santo Ofício, na qual declaração se diz que tu não abjurastes e nem fostes penitenciado, mas que te era somente estada apresentada a declaração feita pelo N. Senhor o Papa e publicada pela Sacra Congregação do Índice, na qual se contém que a doutrina do movimento da Terra e da estabilidade do Sol seja contrária à Sagrada Escritura, não podendo por isto ser defendida nem adotada; e que por isso, não se fazendo menção na referida declaração das duas cláusulas

do preceito, isto é “docere e quovis modo”, se deve crer que no curso de 14 ou 16 anos não tivestes perdido a memória, e que por esta mesma razão tivestes omitido o preceito quando pedistes licença de imprimir o livro, e que tudo isto dissestes não para desculpar-te do erro mas para que seja atribuída a sua atitude não à malícia mas à vã ambição. Mas a dita declaração por tu produzida em tua defesa, resultou em maior agravo, pois dizendo-se nesta que a dita opinião é contrária às Sagradas Escrituras, houvestes não de menos tentado tratar de defende-la e de persuadi-la a outros como provável; nem te sustenta a licença por te artificiosamente e oportunamente extraída, não havendo tu notificado que tivestes sido preceituado.

E nos parecendo que tu não tivestes dito inteiramente a verdade com respeito às suas intenções, julgamos ser necessário vir contra a tua pessoa rigoroso exame; no qual, sem nenhum preconceito das coisas que confessastes e contra te deduzidas como acima a tua referida intenção, respondestes catolicamente.

Portanto, vistos e com maturidade considerados os méritos desta tua causa, com as referidas confissões e desculpas e quanto de razão se devia ver e considerar, venham contra ti a infra-escrita definitiva sentença.

Invoca do portanto o Santíssimo nome de N.S. Jesus Cristo e da sua gloriosíssima Mãe sempre Virgem Maria; por esta nossa definitiva sentença, resultado de reunião ‘pro tribunal’, de conselho e parecer de Reverendíssimos Mestres de Sagrada Teologia e Doutores de uma e de outra lei, nossos consultores, proferimos nestes escritos na causa e causas controversas diante de nós entre o Monsenhor Carlo Sinceri, de uma e de outra lei Doutor Procurador fiscal deste St. Ofício, por uma parte, e tu Galileu Galilei anteriormente referido, réu aqui presente, inquirido, processado e confesso como acima, da outra parte;

Dizemos, pronunciamos, sentenciamos e declaramos que tu Galileu referido, pelas coisas deduzidas em processo e da tua parte confessadas como acima, te apresentastes a este St. Ofício veementemente suspeito de heresia, isto é de ter admitido e acreditado em doutrina falsa e contrária às Sagradas Escrituras; e conseqüentemente és incurso em todas as censuras e penas dos sagrados cânones e outras constituições gerais e particulares contra símiles delitos impostos e promulgados. Do que estamos contentes que seja absoluto, mesmo que primeira, com o coração sincero e fé não fingida, diante de nós abjure, maldiga e deteste os referidos erros e heresias, e qualquer outro erro e heresia contrária à Católica e Apostólica Igreja, no modo e forma que de nós te será dada.

E afirmo de que este teu grave e pernicioso erro e transgressão não fique de todo impunido, e seja mais cauto no futuro e exemplifique a outros que se abstenham de símiles delito, ordenamos que por público édito seja proibido o livro Diálogo de Galileu Galilei.

Te condenamos ao cárcere formal neste St. Ofício ao arbítrio nosso; e por penitência salutar te impomos que por três anos a partir de agora uma vez por semana leias os sete Salmos penitenciais; reservando-nos a

faculdade de moderar, modificar, ou suspender em todo ou em parte as referidas pena e penitência.

E assim dizemos, pronunciamos, sentenciamos, declaramos, ordenamos e reservamos neste e em um outro melhor modo e forma que de razão podemos e devemos.

Assim nos pronunciamos, nos Cardeais infra-escritos⁸:

Gasparo Borgia, Felice Centini di Ascoli, Guido Bentivoglio, Desiderio Scagliola, Antonio Barberini, Laudivio Zacchia, Berlingere Gessi, Fabrizio Verospi, Francesco Barberini e Marzio Ginetti

A ABJURAÇÃO

Eu Galileu, filho de Vincenzo Galileu de Florença, com idade de setenta anos, constituído pessoalmente em juízo, e ajoelhado diante de Vossas Eminências e Reverendíssimos Cardeais, em toda a República Cristã Inquisidores contra a herética maldade geral, tendo diante dos meus olhos os sacrosantos Evangelhos, os quais toco com as próprias mãos, juro que sempre acreditei, creio agora, e com ajuda de Deus creerei para sempre, tudo que tem, predica e ensina a Santíssima Católica e Apostólica Igreja. Da parte deste Sto. Ofício, por haver eu, depois de ter sido preceituado pelo mesmo e juridicamente intimado que totalmente deveria abandonar a falsa opinião de que o Sol seja o centro do mundo e que não se mova e que a terra não seja o centro do mundo e que se mova, e que não pudesse adotar, defender nem ensinar em qual seja o modo, nem em voz nem em escrita, a dita falsa doutrina, e depois de me ser notificado que a referida doutrina é contrária às Sagradas Escrituras, escrito e entregue a editor um livro no qual trato da mesma doutrina já danada e aporto razões com muita eficácia a favor da mesma, sem aportar qualquer solução, fui julgado veementemente suspeito de heresia, isto é de haver adotado e acreditado que o Sol seja o centro do mundo e imóvel e que a Terra não seja o centro e que se mova;

Portanto, querendo eu retirar da mente de Vossas Eminências e de qualquer fiel cristão esta veementemente suspeição, justamente por mim concebida, com o coração sincero e fé não fingida abjuro, maldigo e detesto os citados erros e heresias, e genericamente todo e qualquer outro erro, heresia ou seita contrária à Sta. Igreja, e juro que no futuro não direi nunca mais nem afirmarei, em voz ou escrito, tais coisas pelas quais se possa ter de mim qualquer suspeição; mas se conhecer algum herético ou que seja suspeito de heresia o denunciarei a este Sto. Ofício, ou ao Inquisidor ou autoridade do lugar, onde me encontrar.

Juro também e prometo cumprir e observar inteiramente todas as penitências que me forem ou venham a ser estabelecidas deste Sto. Ofício; e contrariando a alguma das minhas promessas e juramentos, que Deus não queira, me submeto a todas as penas e castigos que são previstos pelo cânon

⁸ Há historiadores (Hellman, 1999) que informam terem sido sete os cardeais a assinar a sentença. Não assinaram a sentença os cardeais Gasparo Borgia, Francesco Barberini e Laudivio Zacchia.

sagrados e outras constituições gerais e particulares contra símiles delitos impostos e promulgados. Assim, Deus me ajude e também estes seus santos Evangelhos que toco com as próprias mãos. Eu Galileu Galiei referido abjurei, jurei e prometi e estou obrigado como acima; e em fé verdadeira, de minha própria mão subscrevi a presente obrigação de minha abjuração, recitando-a, de palavra em palavra, em Roma, no convento da Minerva, neste dois de junho de 1633.

Eu Galileu abjurei como acima referido, de própria mão.

Considerações Finais

Os autos dos processos contra Galileu foram mantidos em segredo pelo Vaticano até que, em 1810, Napoleão Bonaparte, que tinha um espírito aberto em relação à ciência e também servindo como instrumento de pressão sobre a Santa Sé, exigiu, em uma das suas incursões a Itália, que lhe fossem entregues os arquivos do Santo Ofício com mais de 3 mil caixas de documentos pontifícios. Os autos permaneceram em Versalhes na França até outubro de 1843.

A condenação de Galileu trouxe revolta e pavor para a comunidade de homens de ciência em todo o mundo. Uma das reações mais intrigantes e vacilantes foi aquela tomada por Descartes, que já havia se refugiado nos países baixos com medo da Inquisição. Por meio de uma carta que enviou a Merin Mersene, um organizador da ciência na França, Descartes dizia que mesmo convencido das evidências das teses de Galileu, por nenhuma razão do mundo as defenderia contra a autoridade da Igreja (Santini, 1994). Para Descartes, o modelo de sistema adotado por Galileu ao discutir sobre partículas mínimas das substâncias no *Saggiatore* (atomismo), poderia estar colocando em cheque a permanência milagrosa da cor, sabor, odor e dos outros acidentes sensíveis do pão e do vinho após a consagração, ortodoxia afirmada no Concílio de Trento. Descartes, sobre esse episódio, ainda em carta enviada a Mersene relata:

Creio que vos enviarei esse discurso sobre a luz, assim que estiver pronto, e antes de enviar-vos o resto da Dioptrique: porque querendo aí explicar as cores à minha moda, e em consequência estando obrigado a explicar como a brancura do pão permanece no Santo Sacramento, ficarei mais à vontade se ele for examinado por meus amigos, antes que seja visto por todo mundo. (Redondi, 1991).

Entretanto, não faltaram, na época, defesas de Galileu, até mesmo de religiosos. A mais contundente partiu de Campanella, um ex-religioso e cuja obra filosófica desagradou a Igreja Católica, tornando-se ele próprio vítima da Inquisição. Contudo, o rancor do Tribunal do Santo Ofício para com Galileu, não cessou com sua morte. Em 1642 o cardeal Francesco Barberini escreve uma carta

ao padre Marsellis, inquisidor de Florença intimando-o a tomar as providências devidas para que não fossem prestadas, no sepultamento, homenagens ao morto, que não fosse construído um mausoléu, e que na sua tumba não houvesse registro de qualquer perseguição por parte do tribunal. (Lonchamp, 1988).

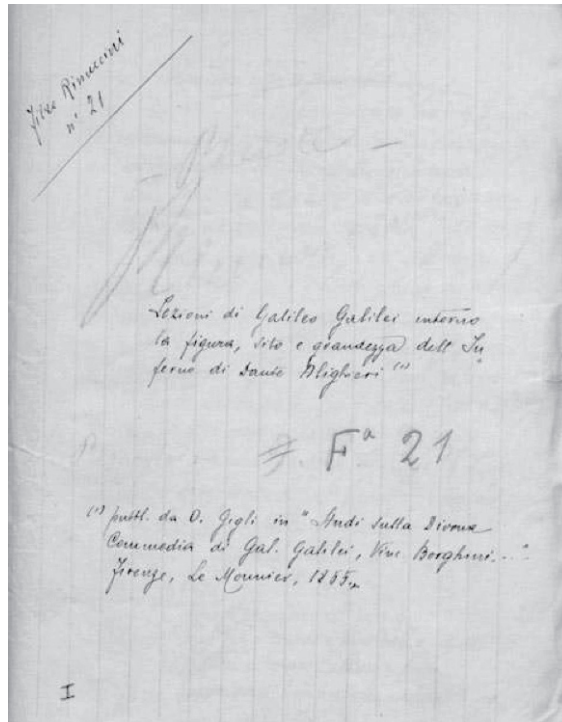
Há versões variadas e conflitantes para um desfecho tão brutal em termos de condenação de um homem com grande respeitabilidade intelectual, um católico fervoroso e protegido por príncipes, governantes de cidades-Estado como Florença. Para Lonchamp (1998) Galileu foi vítima de uma conjuntura política dramática que obrigou Urbano VIII a demonstrar autoridade e capacidade de controlar situações. Para Balckweel (1999) o que aconteceu foi um mal entendido que poderia ter sido evitado por Berllarmino. Para Feldhay (1995) o que ocorreu foi mais um diálogo que um conflito e tudo poderia ser diferente se a Contra – Reforma tivesse uma única orientação cultural e não uma disputa entre dominicanos e jesuítas. Estas visões têm em comum serem extremamente benevolentes com os crimes cometidos pela Igreja Católica em nome de sua preservação. Redondi (1991), Allègre (1999) são mais claros e consistentes nos seus argumentos, e mesmo reconhecendo que certa humildade e maior preocupação demonstrativa poderiam ter ajudado Galileu, o que aconteceu, sem tergiversações, foi à intolerância e obscurantismo, o que é imanente a todo o tipo de julgamento que baseia em preceitos religiosos fundamentados na fé, uma suposta autoridade contestada por Galileu na carta dirigida a Fortunio Liceti, segundo Mariconda (2003).

Referências Bibliográficas

- Allègre C. *Dio e l'impresa scientifica*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1999.
- Baiardi A. *Sociedade e Estado no apoio à ciência e à tecnologia: uma análise histórica*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Blackwell RJ. *Science, religion and authority: lessons from the Galileo's affair*. Ashland: Marquette University Press, 1999.
- Campanella T. Deux lettres à Galilée. *Europe, revue littéraire mensuelle*. mai 2007, n(937).
- Feldhay R. *Galileo and the Church: Political Inquisition or Critical Dialogue?* Tel-Aviv: Tel-Aviv University, 1995.
- Galilei G. *Lezioni di Galileo Galilei intorno la figura, sito e grandezza dell'Inferno di Dante Alighieri*. Firenze: Museo Galileo (manuscrito), 1588-1590.
- _____. *Sidereus nuncius*. Roma, La Goliardica, 1978 [1610].
- _____. *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo: ptolomaico e copernicano*. Tradução Mariconda PR. São Paulo: Discurso Editorial/FAPESP, 2001.

- _____. *Lettere copernicane, a cura di Baldini*. Roma: Armando Editore, 1995.
- Geymonat L. *Galileo Galilei*. Torino: Einaudi, 1969.
- Hellman H. *Grandes debates da ciência: dez maiores contendidas de todos os tempos*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- Leblond JML. Galilée dans l'enfer de Dante. *Europe, revue litteraire mensuelle*. mai 2007; n(937).
- Lonchamp JP. *L'affaire Galilée*. Paris: Cerf /Fides, 1988.
- Mariconda PR. O Diálogo de Galileu e a condenação. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, jan.-jun. 2000, v(10) n(1) Série 3.
- _____. A contribuição filosófica de Galileu. In: Carneiro FL (Org.). *350 anos dos "Discorsi intorno a due nuove scienze" de Galileo Galilei*. Rio de Janeiro: Marco Zero/Coppe, 1999: 127-137.
- _____. Lógica, experiência e autoridade na carta de 15 de setembro de 1640 de Galileu a Liceti. *Scientiae Studia*, 2003, v(1) n(1): 63-73.
- Maury JP. *Galileo, messaggero delle sttele*, a cura di Buyschaert. Trieste: Electa/Gallimard, 1992.
- Odifreddi P. *Hai vinto Galileo, la vita, il pensiero, il dibattito su scienza e fede*. Milano: Arnoldo Mondadori 2009.
- Pagani SM, Luciani A. *Os documentos do processo de Galileo Galilei*. Petrópolis: Vozes Editora; 1994.
- Redondi P. *Galileu Herético*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- Santini A. *Galileo Galilei, i grandi processi: chiesa e scienza, un errore durato 359 anni*. Roma: L' Unità, 1994.
- Sobel D. *A filha de Galileu, um relato biográfico de ciência, fé e amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Anexo



Lezioni di Galileo Galilei intorno la figura, sito e grandezza dell'Inferno di Dante Alighieri (1588-1590, Firenze: Museo Galileo [manuscrito]; 1588-1590)

Data de Recebimento: 25/11/2013

Data de aprovação: 06/12/2013

Conflito de Interesse: Nenhum declarado

Fonte de Fomento: Nenhum declarado